



O Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 19 de Setembro de 1981 * Ano XXXVIII — N.º 979 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

CANTINHO DOS PADRES DA RUA



Só um amor mais profundo poderá arrancar sorrisos, pássaros, esperança e flores!

● Há dias, um pequeno cicerone, quando mostrava a nossa Aldeia a um grupo de visitantes, ficou atrapalhado quando lhe perguntaram qual era «a casa onde vive o sr. padre».

Ora, todos os padres da rua têm o seu quatinho modesto, meia dúzia de livros, uma estante de pinho, sapatos e roupa da que nos oferecels e comida das panelas grandes — ao lado dos nossos rapazes.

É claro o testamento de Pai Américo: «São pobres; pobres por devoção. O espírito de pobreza é a sua pedra de toque».

Mas o mais importante, me parece, é o escancarar de portas para que todos entrem e pisem. Continuamente disponíveis para todos e em serviço.

É extraordinário e comovente o exemplo de pobreza que o Bispo D. Helder da Câmara nos dá — a todos os sacerdotes:

Quando, Bispo do Recife, se viu num palácio tão lindo e com jardins... abriu tudo ao seu povo! E o seu povo foi pisando até ficar um terreiro batido! Quando não havia mais flores, o palácio pareceu-lhe demasiado grande e bonito e foi viver na sacristia da Igreja.

Também o padre Fredy, a viver numa favela do Brasil, num quatinho térreo, a partilhar com os vizinhos a água da bilha e o pão; e estes com ele — dois ovos ou um copo de leite!

Despidos de bens, cheios de amor por todos os homens, eles tiram da Arca — com renovada paixão e alegria nova — o Mandamento Novo!

«Dou-vos um Mandamento Novo: Amai-vos uns aos outros, assim como Eu vos amei.»

E Cristo mostrou-nos o amor na Sua vida, no Seu sangue, no abandono de todos os bens — a Sua Pobreza.

Os discípulos não são mais do que o Mestre.

Só o amor «sem tempo nem marés» e a pobreza total.

Não temos mais caminhos. Qualquer outro conduz a nada.

Quando todos os sacerdotes tivermos a coragem de viver pobremente — a luz brilhará no cimo do monte; e os homens sequiosos poderão vê-la.

● O «nosso X» tem uns olhos profundos e tristes! Insensíveis à dor e alegria! Qualquer castigo é patim sobre gelo. — Porquê? — eu me perguntava, sem atinar.

Soube hoje. Uns amigos vieram visitá-lo e me descreveram sua infância: uma infância triste — sem pássaros, nem flores e sem sorrisos...

Quase todos os dias o padre batia — dum modo violento e brutal. Algumas vezes o prendia com argolas e cadeado.

Marcado no mais fundo de si, só um amor mais profundo ainda poderá arrancar sorrisos,

pássaros, esperança e flores!

Nem sempre este amor mais profundo está à mão... Quase sempre, longe e doloroso.

Mas lá vem de novo, implacável e sereno, o testamento de Pai Américo: «Os padres da rua são, por natureza, o Pai de Famílias, o homem aflito,

Cont. na 4.ª página

TRIBUNA DE COIMBRA

□ Fui à Terra Santa. Amigos, muito amigos, já há muito insistiam comigo para que fosse. Eles já tinham ido. Fui como peregrino cristão, fazendo parte dum grupo de 47. Fomos todos em espírito de peregrinação e regressámos mais conscientes do dom da nossa Fé e mais comprometidos na nossa vida de cristãos.

Só como peregrinos cristãos somos capazes de apreciar um pouco todas aquelas maravilhas. Só pegando na Sagrada Escritura, meditando e rezando, podemos saborear tudo aquilo que nossos pés vão pisando, nossos olhos vão vendo e todos os nossos sentidos vão vivendo. Os que vão só como turistas não podem entender a riqueza de tudo o que se encontra. Muitas maravilhas passam despercebidas.

Quando um ou outro israelita nos perguntava quem era o nosso líder, nós, sorrindo, respondíamos que é Jesus Cristo. Descobrimo Jesus Cristo nos lugares por onde caminhou, as povoações a quem pregou, o mar que atravessou, os montes aonde subiu, as sinagogas e templo onde ensinou, o deserto onde Se preparou, os lugares onde viveu; descobrimo-O assim é-nos mais fácil

aceitá-lo como líder — Libertador.

□ Como não somos só espírito apreciámos também a vida daquele povo. Povo que se encontra e se constrói. Povo sempre escurado por outros povos e que, agora, mais uma vez, procura a sua terra de origem e nela se quer fixar fazendo-a uma terra nova. Por toda a parte há vida e vida pujante.

As planícies e vales estão maravilhosamente cultivados. O deserto está a ser transformado em terra de pão, com mudanças de terra e irrigação de água em tubagens. Que grandes plantações de vinhas, bananais, laranjais, algodão! Os nossos olhos não se cansavam de admirar.

Os Quibutes — cooperativas agrícolas com tudo em comum, a primeira fundada no princípio deste século e são agora cerca de setenta — cultivam o necessário para quase toda a nação. Cultivam tudo o que é necessário para a alimentação do corpo humano. São grandes manchas de muita verdura, com lagos pequeninos para criação de peixe, com casas de habitação muito airoas e ajardina-

Cont. na 4.ª página

AQUI, LISBOA!

«Parasitas do trabalho terão os dias contados.» (Dos Jornais)

A afirmação acima citada é do novo Ministro das Finanças e do Plano e consta duma entrevista concedida ao centenário «Comércio do Porto», que bem desejariamos se viesse a tornar realidade. Infelizmente, apesar de todo o optimismo e de nunca perdermos a esperança, não é coisa que nos pareça fácil e venha a obter êxito, pelo menos a curto prazo.

Não possuímos dados estatísticos seguros, mas não andaremos longe da realidade se considerarmos haver entre nós, pelo menos, 300 a 400 mil desempregados, sobretudo dos grupos etários mais jovens. Por outro lado, ninguém desconhece — pois é patente a quem

estiver de olhos abertos — que há serviços carenciados de pessoal, enquanto noutros se constata um autêntico clima de sub-emprego, com gente a mais, mormente nos sectores oficiais ou em empresas nacionalizadas ou afins. As afirmações feitas na Televisão por um dos Ministros do anterior Governo poderão não ter sido oportunas sob o ponto de vista político-partidário; mas, embora não se possam generalizar a todos os sectores, contém muito de verdadeiro e de corajoso. Por esse País fora há muita gente que pouco faz e que se limita quase a assinar o recibo no fim do mês. Doa a quem doer...

Em muitos lugares os horários de entrada e de saída dos serviços não se cumprem; as horas para o cházinho ou para

ir ao bar ou à cantina ocupam largo espaço; as dispensas são lugar comum; já para não falar nas «pontes» estabelecidas a propósito de tudo e de nada, num País onde o número de feriados atinge expressões pouco correntes; a leitura de jornais e de revistas é uma constante; a conversa amena, quando não o cultivo de má-língua, é uma realidade; encontrar nas ruas os funcionários nas horas que deveriam estar nos locais de trabalho, no cumprimento das suas tarefas, não é raro; o cultivo da estética e o arranjo das unhas são «trabalhos» correntes. Muitas outras observações se poderiam fazer com toda a justiça e a maior das pertinências.

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● O próximo «Tempo Vicentino» — órgão da Comissão Diocesana de Jovens Vicentinos do Porto — deseja «incluir algo sobre a vida e Obra de Pai Américo, neste ano em que celebramos 25 anos da sua morte. Para que essa reportagem seja tanto quanto possível real» podem um «testemunho sobre a Obra da Rua e o Pai Américo».

O convite, amigo, de jovens reco-receiros dos Pobres, caiu sobre a nossa mesa de trabalho como um relâmpago, cuja fúria incendiou o nosso coração; na medida em que a acção e o exemplo vicentinos de Pai Américo, no seio da Igreja — tendo como raiz a Boa Nova — são naturalmente d'hoje, d'amanhã, de sempre.

Vamos recordar Pai Américo, sim senhor! Desde a tarimba em *barredos de Coimbra*, aos do Porto e de todo o País. Recordar como se enamorou do Pobre *até ao desgaste final — a Morte*. Pois a Juventude da sua acção é luzeiro que estimula todos quantos, voluntariamente, se debruçam na problemática dos Pobres.

● A recente greve dos cimenteiros motivou breve pausa na construção da moradia para aquela mulher separada do marido — como noutras obras em todo o País! O cimento é, ainda, imprescindível, na fase em que a habitação se encontra. No entanto, vamos tentar resolver o problema.

A pobre mulher — e nós mesmos — sentimos o bloqueio. Ela tem uma ansia incontida de habitação condigna; o que é normalíssimo quando o Pobre não desce à Miséria que marginaliza. A propósito: ainda hoje muito boa gente não destrinça uma e outra situação, particularmente nos meios rurais! Apenas se preocupam pelos sem-cara-nem-beira, sem nada de nada de ninguém... Mas, na linguagem de Pai Américo, «deixemos os mortos enterrar os mortos».

PARTILHA — A moradia em construção desperta muita gente na hora própria! São presenças de vários lados, cada uma à sua maneira, todas com o mesmo objectivo:

Monção, assinante 7649, cheque para «ajudar a construção da casa daquela mulher que o marido abandonou». Com o mesmo fim, «migalha de uma Lisboa» e um «abraço fraternal» — que retribuimos com amizade. Fátima, outro cheque «para umas telhas da nova moradia que estão a construir». Da capital, «velha Amiga» destina um vale de correio «a umas quantas telhas da casa que estão a construir; dinheiro que meu marido me deu no dia dos meus anos e, se com ele hei-de comprar qualquer coisa absolutamente desnecessária, preferível é que vá para onde for mais necessário». O Mandamento Novo aplicado no tempo! Vila Nova de Gaia, «Amigo de sempre» com dois mil escudos «dos modernos» para «ajuda da casa em construção». Mais um conto de reis de uma Avó, em Verreniging (África do Sul), para

«ajuda da nova moradia» — com delicadeza cristã: «Desculpem ser pouco, mas é de boa vontade». Aqui está o valor!

Atenção Lisboa:

«Estive à espera que acabasse a «utilíssima» greve dos correios para mandar uma ajuda para a Conferência. Deixo ao seu critério o destino, mas penso que talvez dê jeito para a casa da Mulher abandonada pelo marido».

Imagine que só hoje (20/8/81) recebi O GAIATO do dia 25 de Julho!

Estive em Lourdes, no Congresso Eucarístico, e muito me lembrei de vocês todos! Deus nos ajude a viver sempre com o espírito que se viveu aqueles dias! Foi maravilhoso!

Não me posso alongar mais, pois estou com o tempo um pouco apertado.»

Agora, presença certa de Paço de Arcos — devotada aos problemas dos Outros — com dois vales de correio muito valiosos. Rua da Lapa, Lisboa, 200\$00. Campo de Besteiros, 1.000\$00. Régua, 250\$00. Ermesinde, 200\$00. Setúbal, metade. Porto, cinco rands «lembrando as almas de Idalina e José». Mais Porto: 500\$00 de «Uma Alentejana» destinados a «uma necessidade mais premente». Cheque de Fundão; retribuimos o forte abraço. Outro, anónimo, de Odiáxere: mil escudos. Por fim, «Uma portuense qualquer»:

«A migalhinha relativa ao mês de Junho, para a Conferência Vicentina, junto igual quantia retirada do meu subsídio de férias para ajuda daqueles que não podem gozar um único dia de férias em toda a sua vida de trabalho, às vezes bem dura.»

Oportuníssima! Tome lá nossas mãos ambas.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORTO

PASSEIO — Retornámos este ano, como é óbvio todos os anos, a passar o domingo fora.

Fomos à Senhora da Piedade, da Lousã, tomar um banho na piscina e passar lá o dia. Na véspera estávamos indecisos, se iríamos ou não iríamos, porque o tempo não estava de acordo com o dia seguinte de sol. Então, para termos a certeza que iríamos, e para termos tempo de arranjar o far-nel, senhor Padre consultou os que fizeram, recentemente, exame da 4.ª classe. A resposta foi sim.

E tudo se preparou; todos fomos no dia seguinte. Um dia bom, excepto o tempo que não se mostrava contente. Mas a nossa coragem reviveu e a alegria apareceu entre nós. Quando lá chegámos, começámos por dar uns mergulhos na piscina, mas a água estava gelada, todos mergulharam, nadaram e saíram para aquecerem.

Comemos um pouco e continuou-se com as costas viradas para a água e para a serra que parecia chamar-nos. E muitos foram escalar, uns atrás dos outros, cada um em sua direcção. Que divertido! Quando

chegámos, para regressar à Casa, todos sorriam e contavam suas aventuras. Merendámos e depois regressámos.

Foi um dia diferente, um dia bom.

ERRAR — O motivo que levou a pôr esta palavra como subtítulo foram os «Batatas» que erraram numas brincadeiras. Ontem, estando todos ainda a trabalhar, ao fim da tarde, antes de rezarmos o Terço, seis deles puseram-se numa brincadeira arriscada. Cada um com seu montinho de pedras na mão, andaram, pela nossa Aldeia, a atirar pedras uns aos outros. Era perigosa a brincadeira! Os que trabalhavam naquela hora, sem se aperceberem de tal batallha, foram surpreendidos quando estavam já a comer; e apareceu o grupo dos «Batatas», cada um com as mãos cheias de pedras. Carlinhos, o mais novo do grupo, de 6 anos, era o que tinha mais pedras nas mãos, pois quando se mexia deixava-as cair...

E assim ficaram ali parados, de pé, com as mãos cheias de pedras, à mostra, para que todos pudessem ver que não é só o jovem, o adulto que erra, mas sim, também, o mais novo, se não for vigiado e educado.

OBRAS — No fim do tempo de férias, na praia, os dormitórios da casa-mãe foram esvaziados. Os colchões transportaram-se para o salão de festas, onde a camada mais nova foi dormir; as camas foram para ser pintadas na serralharia, enquanto pintamos paredes, portas e janelas, que estavam num estado de pedir grande reforma. E assim foi onde começou por estar em obras a nossa Casa, para que as noites sejam mais acolhedoras, mais sonhadoras.

E a Casa continuará em obras, noutros lugares que precisam de alguns ou mais arranjos.

Mais duas Escolas se fizeram por baixo de outra feita há poucos anos. Mas foi necessário aproveitar este espaço solitário, pondo-o a descoberto das crianças da nossa Casa. O motivo de mais duas Escolas é que vêm mais professores ensinar na Instrução Primária e os nossos rapazes são cada vez mais e mais. Sempre a nossa Casa enche e sempre está cheia.

As nossas obras são uma grande

escola para nós, sobretudo para os estudantes que têm de fazer o trabalho quase todo. Todos ficamos a saber pintar, calar e mais.

TERRA SANTA — Senhor Padre Horácio, e um grupo de 46 pessoas amigas, sendo duas das nossas senhoras e o professor Carlos Manuel, foram à Terra Santa, em peregrinação, visitar a terra do Senhor Jesus.

Lá estiveram e regressaram. Senhor Padre Horácio trouxe lembranças para cada um: Sorrisos, rebuçados, postais ilustrados, uma cruz para quase todos, um terço para os mais velhos que quiseram, um grande livro ilustrado para a nossa biblioteca, uma colecção de slides que durante três dias, ao fim da tarde, vimos passar na parede do salão, onde ele explicou a Terra Santa, as religiões que lá se encontram, etc...

Gostei muito de ver a Terra Santa nos slides. Foi interessante. Terra tão pisada, onde tantos povos quiseram fazer seu monopólio, sua conquista e, quando chegavam, estragavam e construíam igrejas em cima de outras igrejas. Templos em cima de outros Templos. Cidades em cima de outras cidades. Tanta rivalidade naquele povo, tanta mistura!

Israel, terra prometida! Israel, terra de mártires! Israel, terra de mistério!

Guido

Setúbal

ACTO DE TERNURA — Eu estou no meu quintal.

Dois deles deliciam-se com a bola no campo de jogos.

Nas margens, a cabrinha que umas visitas nos trouxeram, rapa as ervas. Os dois filhotes rodeiam a mãe.

Até aqui tudo normal. De repente, ouve-se um dos cabritinhos a berrar. Mirei o drama. Estava em local onde não via a mãe... Não era capaz de descer as bancadas. Via-se perdido.

O «Rebuçados» mai-lo «Riri» perceberam; largaram o jogo e correram a salvá-lo da aflição.

Pegaram nele ao colo e foram

colocá-lo junto da mãe que o lambuava em acto de carícia.

Os salvadores não me viram.

Eu estava com minha mulher e presenciámos tudo, maravilhados com a ternura do «Rebuçados» e do «Riri». Podiam continuar a brincar, mas não; a aflição do pequeno animal acordou-os e correram solícitos.

Pois saibam os Amigos, que nos ofereceram a cabrinha, que ela mai-lo filhotes que cá nasceram fazem parte do ambiente da nossa Casa. São matéria de educação prós nossos pequenitos. É um regalo vê-los com os bebés ao colo prò pasto.

FABRILAS DE CORRUPÇÃO — Passamos na Avenida Luísa Tody e encontramos uma loja sempre apinhada de gente nova. São as máquinas absorventes de dinheiro que os jovens arranjam, não sei como nem porque meios, para satisfazerem o vício. Pois tenho sabido que muitos deles passam ali o seu dia-a-dia metendo moedas e jogando.

Nós assinalamos aqui o facto, por via dele nos cheirar a deturpação e falcatrua. Eu não sei como é que as pessoas competentes passam licenças e consentem isto! É uma calamidade! Juventude explorada, corrompida, sem culpas!...

Onde estão as consciências das pessoas que autorizam estas fábricas de corrupção?!

Quem dera que tu mais eu fizéssemos eco para levar a coisa até às pessoas que têm a faca e o queijo na mão para poderem evitar tanto mal...

Que o digam as direcções dos estabelecimentos de Ensino; que o digam os próprios pais!

«É mais barato evitar crimes do que sustentar criminosos» — ensina Pai Américo.

Quem puder que passe palavra deste mal: a caça às moedas.

ANSIEDADE — Sr. Padre Acílio tinha saído prò Algarve pedir 'nas igrejas. Andou por lá dois dias. Eu passei na sala de convívio da casa, onde os seus habitantes se regalavam a ver TV a cores.

Márinho, o benjamini de todos nós, salta pròs meus braços e aperta-me muito:

— O «Té» grande quando é que vem?

Percebi a ansiedade desta criança: O «Té» grande é o sr. Padre Acílio. Márinho, que ficou «órfão» de mãe com a saída de D. Odília, refugiou-se duplamente no seu «Té» grande.

Só queria que sentisses o aperto desta criança! Largavas as redes, com certeza, e farias como fizeram os Apóstolos naquele tempo.

Eles precisam duma mãe!

Continuam à espera...

VENDA DO JORNAL — Há dias, um dos vendedores d'O GAIATO dizia-me:

— Um senhor deu-me os cinco escudos e não quis o jornal. Que não tinha tempo p'ra ler!...

Ora, isto também serve de meditação. Eles não são mendigos. E a



É obra... calçar 150 Rapazes — em nossa Aldeia de Paço de Sousa!



melhor recompensa p'ra eles, é a leitura da mensagem que levam. Eles são mensageiros da Verdade e da Justiça que a sociedade lhes negou quando andavam por lá.

Eles são mensageiros do viver, em injustiça social, doutros que esperam salvação.

A venda do Jornal mai-los seus vendedores tem muito de doutrina. Assim eu a pudesse pôr ao léu tal qual a sinto; e desejaria que a compreendesses.

Eles, os vendedores, têm uma missão muito importante nas Casas do Gaiato. Trata-os bem, mas nunca como «coitadinhos».

Ernesto Pinto

Tojal

PRAIA — Esta crónica sai um pouco «a ferros» porque me foi proposto escrever sobre um tema do qual não tinha dados. Tive então que provocar uma *mesa redonda* com três dos mais pequenitos da nossa comunidade: Emanuel (4 anos), Zé Manuel (6 anos) e Luís Miguel (7 anos). Levei-os comigo até à biblioteca; e, enquanto se ouvia em fundo as várias faixas da Abelha Maia, pedi-lhes que me contassem como foram as suas férias, como estava a praia. O que se segue é um resumo daquilo que eles disseram:

— «O chefe do nosso grupo foi o «Catinho». Fomos os pequenitos todos ao mesmo tempo. Lá na praia havia muitas pessoas com fato de banho, mas tinham medo da água. Eu também tinha medo da água porque era salgada.

O meu fato de banho era preto e a toalha azul. Eu e o Paulo Jorge fomos apanhar caranguejos.»

Emanuel

— «O que eu mais gostei na praia foi de brincar na areia e fazer desenhos. Eu e os meus amigos jogámos à bola e abrimos buracos na praia até aparecer água. O mar era bravo e dois homens, se não fossem o Vasquinho e o «Baleia», tinham morrido afogados porque não havia lá banheiro nenhum!

Um dia fomos à Foz andar de barco e havia lá meninos a tomar banho na água suja do rio.»

Zé Manuel

— «Lá na praia, eu tomei muitos banhos. Ia lá para o fundo com o Paulo Jorge e até víamos tubarões!

A areia estava um bocado suja e havia lá cães que mordiam. O que mais custava na praia era subir o monte para ir p'ra casa.

As senhoras que lá estiveram cozinham bem para nós. Sabiam fazer coisas boas. Também vinha sopa da Colónia. A canja da Colónia era tão boa! Depois do almoço iam todos fazer as obrigações. Os mais pequenos apanhavam lixo à volta da casa. O sr. Padre ia lá sempre ao sábado, à tarde, celebrar Missa. No dia da despedida, à noite, fizemos uma fogueira, comemos bolos e bebemos café simples.»

Luís Miguel

Depois de os ouvir faço rodar no prato do gira-discos a história do Pedro e o Lobo como prémio da sua colaboração e fico a meditar sobre o que acabo de ouvir.

Saltam-me à ideia, então, algumas realidades, infelizmente bastante vul-

gares no mundo dos adultos. Mas acabo de ouvi-las da boca inocente de três crianças...

A sujidade das praias e o desrespeito por algumas normas elementares destinadas a criar condições de paz e tranquilidade aos utentes das praias.

A presença de animais nessas zonas e a ausência de vigilância numa praia como a de S. Julião da Ericeira são apenas alguns exemplos. Trata-se duma praia bastante frequentada e onde funciona, durante a época balnear, para além da nossa Casa, uma Colónia Balnear por onde passam algumas centenas de crianças... Para resolver o problema talvez seja mais prático e mais rápido estabelecer um pacto com o mar... Não nos assustamos com os tubarões que o Luís Miguel diz ter visto!

De registar, também, mais uma vez, a colaboração da Colónia que repartiu connosco alguns excedentes resultantes do orçamento estatal de que não beneficiamos.

Olho os três, atentos às aventuras do Pedro; e alegro-me porque as suas caritas bronzeadas e alegres já gozaram daquilo que muitos outros continuam a esperar com direito.

Estou certo que o Emanuel, o Zé Manuel e o Luís Miguel também pensam assim...

Jorge

Paço de Sousa

PRAIA — A época balnear, em nossa Casa, terminou. A instalação de água canalizada na casa de Azurara, ainda não está concluída por razões alheias aos serviços municipalizados.

Todos os turnos cumpriram, razoavelmente bem, as indicações proferidas no início de cada um deles. O 4.º e último turno deu lugar a outro de uma semana: o dos vendedores. Sendo todos chamados, de 15 em 15 dias por mês, são forçados, nesta época, a abandonar o seu turno para a venda do jornal, originando a perda de alguns dias de praia.

Este tempo — atribuído aos jovens ardidos em «part-time» — é, também, um estímulo e uma chamada de atenção ao seu modo de estar. Durante os três dias de venda, eles são os «embaixadores» da nossa voz; na sua pessoa está uma Casa — a nossa Obra.

DESPORTO — O que aconteceu no passado dia 30 de Agosto, em Oldrões — Calçada, não merece elogio. Não pelas más classificações dos nossos atletas, pois, feitas bem as contas, não poderiam cumprir melhor no meio de tanta barafunda e má organização.

Segundo o cartaz, por nós recebido, as provas eram somente para populares; uma delas, a de seniores, era de 7.000 metros — mas não foram!

Apareceram atletas federados de equipas de renome no norte do País! A prova de 7.000 metros (?) foi um desastre: Havia concorrentes (conhecedores do percurso) que cortavam por montes; o controle, deficiente, facilitou o anti-desportivismo; correu-se mais de 10.000 metros!, o que para um atleta é mau... não se poupando a esforços.

Coisas do nosso Desporto!

VINDEMAS — Estão a começar. Realizamos já as tarefas prioritárias: arranjo de cestos mai-los ganchos para as ditas, escadas, lavagem e desinfecção de cubas, lagares e prensas, entre outras.

Morgado

Imagens do quotidiano

Parte das nossas férias são marcadas pela imagem de um homem que arrasta, penosamente, quase todos os dias, um pequeno tronco de pinheiro ramalhudo. Conta os passos; aqui e ali ameniza o calvário, estendido no areal, de kentucky entre os lábios — o cigarro dos Pobres.

— Olá, viva...

— Bom dia!

O mundo passa. Indiferente? Ele caminha só, noutro mundo...

— É de longe?

— Moro ali... Tá a ver? Ali...

Subúrbios da zona urbana.

— Onde trabalha?

— Na vila...

Hoje vem acompanhado:

— Este é meu filho. Tenho sete, dois já casados. De resto, não são assim... pequenos, dos cinco às quinze anos.

— Faz um grande sacrifício, quase todos os dias?

— Tem de ser! A vida tá má, muito má... O q'a gente ganha já mal dá p'ra comer...

Nem fogão eléctrico, nem fogão a gás; sim a lareira dos Pobres.

—... Com'é q'a gente pod'ria lá chegar?!

Uma garrafa de gás, posta em nossa casa, são agora mais de quatrocentos escudos! Daí o nosso Amigo ter de ir ao monte aliviar outra despesa sobre o salário mínimo.

— É que não ganho mais do q'isso... Mas temos de viver, com a graça de Deus.

Um homem de Fé em luta pela sobrevivência!

Quantos deles assim, por esse País fora, contrastando com a pródiga suficiência de tantos!

Volta a passar. Derreado. Silencioso. Um kentucky aqui, outro acolá, em momentos de pausa; que a nortada refresca, é certo, mas a dureza da vida permanece. Exactamente porque nos distanciamos dos Pobres, dos Miseráveis. E, até por omissão, sacrificamos os mais sacrificados! Ainda agora, por exemplo, foi mandado arquivar, superiormente, um inquérito «para se apurar como é que Portugal se esqueceu de utilizar um crédito que poderia ter permitido ao País a poupança de milhões de dólares na importação de cereais!» O pão dos Pobres..., que, por isso também, amanhã será mais caro! Segundo o comentarista, «foi a primeira vez que se registou esse facto anómalo de o nosso País não apresentar oportunamente a pretensão para o ano seguinte (no caso, 1981). Perdeu assim a possibilidade de tirar proveito de um mecanismo de financiamento de importação de produtos alimentares. Esse tipo de financiamento, normalmente reservado a países subdesenvolvidos, mas estendido a Portugal devido às dificuldades da nossa economia — volta a acentuar — é feito em condições consideradas muito favoráveis».

A título de curiosidade, respigámos alguns dados sobre a problemática da fome no Mundo, já que a FAO (organismo das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura) celebra a primeira Jornada Mundial da Alimentação em 16 de Outubro, com o objectivo de sensibilizar a opinião pública para a amplitude e gravidade do problema alimentar dos nossos dias, estando já associados à iniciativa 120 países com múltiplas actividades.

Em declarações recentemente proferidas, Edouard Saouma — director da FAO — sublinha que a Jornada terá o «valor de um símbolo e servirá, sem dúvida, para lembrar que o direito a uma alimentação correcta é tão fundamental como o direito à vida». Esclarece, por fim, o comentarista: «Quando os preços dos produtos alimentares de base aumentam, os Pobres são sempre os primeiros a sofrer-lhes as consequências. A pobreza implicou sempre alimentação muito limitada. Logo que os alimentos consumidos pelos Pobres atingem preços acima das suas possibilidades, estes encontram-se sob a ameaça da fome».

Mais contundente para nós o sofrimento daquele homem da beira-mar: «O q'a gente ganha já mal dá p'ra comer...»!

Padre Duarte

Júlio Mendes

LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

Aqui Samodães

As técnicas são modernas; há máquinas para tudo, que aceleram as actividades; o homem pouco mais faz do que orientar e mexer em alavancas ou premir botões. Apesar disto, as obras são lentas; não aparecem as construções concluídas de um dia para o outro; continua-se a gritar que faltam habitações, que faltam estradas, que faltam fontanários, que falta isto e aquilo. Toda a gente se indispõe porque as ruas estão sempre cheias de valas e montões de terra. Em suma, há-de ser difícil que os responsáveis duma localidade possam dizer que agora se vai viver um longo período de tranquilidade laboral.

Veio-nos este pensamento a propósito do que se vai fazendo e do que está por fazer em Samodães. Hoje não falamos do Jardim Infantil — que é a menina dos meus e dos teus olhos. Apesar de tudo partir do Lar de S. Domingos (Lamego) já vários amigos e colaboradores escrevem directamente para lá. Hoje não te digo que as obras estão adiantadas ou atrasadas. Sei que ainda não chegámos ao fim. Sei que faltam as tintas e as alcatifas, mesmo de plástico; sei que faltam vários sacos de cimento para urbanizar o recreio; que faltam baloiços para dar alegria às crianças. Não é, todavia, sobre o Jardim, a crónica de hoje.

O dia 23 de Agosto foi dedicado à Família. É já a terceira vez que fazemos esta festa. A primeira foi em lugar cedido por favor. Agora temos o Parque da Família construído a propósito, com vários metros quadrados, em terreno paroquial e que mesmo sem documento oficial foi dado com o coração e no sentido do local se transformar em campo de formação cultural, social e religiosa. Foi este o programa da festa.

Sentimos alegria por ver que as Famílias de Samodães começam a despertar e a sentir gosto por actividades que as unem mais umas às outras, por um divertimento são; por verem ali actuar seus próprios filhos nos tempos livres. Muitas já não esperam pelos dias oficialmente indicados para os convívios familiares. Em qualquer oportunidade para ali se dirigem a passar umas horas de recreio e tranquilidade. Não se pode educar de qualquer maneira. Não se pode educar só a repreender. Aproveitarão alguma coisa se nos contentarmos com proibir: não faças, não digas, não vás, não tires?

Digamos onde está o mal; mas indiquemos logo onde se pode encontrar o bem. É preciso dar os meios que se opõem aos aspectos negativos. É contraproducente maldizer as tabernas se não dermos um salão devidamente equipado onde possam juntar-se jovens e não jovens; não criarmos espaços verdes, atraentes, com sombras reconfortantes, pequenos bancos de pedra e respectivas mesas; orientar jogos para crianças e jovens, etc. Tudo isto encontramos no Parque da Família. Conseguimos juntar 100 prendas para em sorteio se distribuírem graciosamente pelas 100 famílias presentes. Isto foi possível graças às ofertas da Casa Forte; e do Porto, Guimarães, Setúbal, Castelo Branco, Paço de Arcos, Vila do Conde; e da generosidade de muitos que em seus donativos colocam a indicação: «Isto é para Samodães».

Já começámos a delinear o 4.º encontro da Família que tencionamos realizar em 1982. A Festa da Família é uma oportunidade para se ver que a obra não está completa e também para agradecer aos colaboradores amigos que nos ajudaram a chegar até aqui.

Cantinho dos Rapazes

Agora, que alguns preparam exame de segunda época para mais um passo na vida escolar e que todos estamos em vésperas de um novo ano de actividades, vem a propósito uma pequena reflexão sobre o trabalho que aparece muito desfigurado neste nosso tempo tão abundante de reivindicações de maiores proventos quão apetitoso de vida cada vez mais fácil.

Esta desconsideração da nobreza do trabalho me parece relacionada com um declínio da Fé. O primeiro Mandamento dado por Deus ao Homem investe-o na posse da Terra, atribui-lhe o dever de a dominar, de descobrir e cultivar as imensas potencialidades que ela encerra, as quais, apesar de tantas conquistas conseguidas, estão muito longe do esgotamento. Pois que cesse o império todo-poderoso do petróleo... Os homens acharão outras fontes ou novas formas de domínio de fontes de energia já conhecidas — e não será por isso que o tempo chega ao fim.

É, justamente, este desafio à investigação perene a prova incessantemente posta à inércia do Homem, que tende a instalar-se sobre os seus êxitos e só depois de uma decadência profunda se decide aos grandes cometimentos que renovam a face da História. É do Homem que tudo depende. Só ele é, senhor soberano, já não apenas da Terra mas do Cosmos. Um soberano que, às vezes, mais parece inclinado a abdicar do que a assumir o domínio sobre a Natureza que Deus fez para ele.

Eu penso que é neste plano universal de responsabilização do Homem que cada homem tem de tomar a corrente dinamizadora que o motivará ao cumprimento do seu dever de trabalhador. Cada um no seu posto, por muito modesto que seja o papel que lhe foi distribuído, é, na medida da sua correspondência, causa meritória e eficiente da renovação que constantemente se impõe para o progresso a que se aspira. Não há lugar ao sol para os passivos. Só os inválidos, só os amentes são objecto de dispensa do «comerás o pão com o suor do teu rosto». E ainda assim — sabemos-lo nós bem pela experiência tão próxima do nosso Calvário — quantos destes são capazes de uma pequenina parcela de esforço que conta para o somatório da grande fonte de Energia Humana, a única que, esgotando-se, porá fim a todas as outras fontes de energia; a única que corre verdadeiro risco de esgotar-se sempre que o Homem desintegra do Projecto de Deus os seus projectos e se julga princípio e fim de si-mesmo.

Para o homem de Fé, para o Humilde, não é assim. Ele realiza o poder a partir do querer, cuidadosamente conferido pelo querer de Deus. Dedicar-lhe o seu engenho — e não faz nada demais porque d'Ele o recebeu. Sabe que os recursos da Natureza Deus os

dilata à medida da justa necessidade do Homem. Fernando Pessoa sintetiza em beleza este pensamento: «Deus quer. O Homem sonha. A obra nasce». E nós todos, obreiros da nossa Obra, experimentamo-lo. Pois aonde foi Pai Américo buscar a Inspiração e a Força que o fez agir?! Eu penso a nossa Obra cada dia menos um acto assistencial, cada dia mais um acto doutrinário. Fosse a sua lição recebida e ampliada e os homens encontrariam uma suficiência feliz, incomparavelmente mais feliz do que a abastança porventura adquirida na grande roleta do mundo — corpo sem alma, mera aparência de vida!

O fundamento do trabalho sobre o qual Pai Américo alicerçou e garantiu a estabilidade da nossa Obra, não é apenas uma questão de método; é uma mística. A dignidade do Homem respeita-se e cultiva-se não o dispensando do seu papel activo, da sua possibilidade de ser útil a si e aos outros na realização do Bem-comum. «De-se ao Rapaz o sabor de comer o pão, em nossas Casas, com o suor do seu rosto» — escreveu ele. «Cada Rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por ela. Que nunca se ocupe o estranho em trabalhos que possam ser feitos por eles: O brio, a iniciativa, a personalidade — tudo procede desta fórmula.» Assim se preparam os homens para uma autêntica emancipação, pela qual cada um se honra por não ser pesado aos outros e, ainda mais, por lhes ser prestável.

Com este espírito, o Homem, ainda que não passe jamais de camponês ou de artesão, torna-se um investigador das grandes potências do futuro, um colaborador eficaz do progresso no mundo, um sonhador activo do que Deus quer. E «a Obra nasce». Nasce e vinga!

Que cada um de nós pense e arrume com as profecias de desgraça dos preguiçosos que passam a vida a sonhar as suas fantasias de um paraíso caído do céu, que, aliás, na ordem real do Homem, filho de Adão, não responderia à ansia mais profunda de felicidade que mora no seu coração. E vamos a mais um ano (menos um no cómputo das nossas vidas!) com muito empenho criativo, com muita determinação.

Padre Carlos

CANTINHO DOS PADRES DA RUA

Cont. da 1.ª página

queimado interiormente. O Rapaz da rua, o Doente incurável, a Família em desagregação — são a sua parte. Não se molestem e sofram até ao fim, a ingratidão dos a quem servem, se a houver».

Todas as vezes que agora encontro o «nosso X», nas ruas da nossa Aldeia, sinto-me tão pequenino...! E fico a cismar — como hei-de pôr nas suas pupilas os ninhos e os campos.

Padre Telmo

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

No sector do trabalho outra grande calamidade é o absentismo. Dá-se **baixa** por tudo e por nada; por qualquer motivo ou conveniência se diz, em voz alta, que se vai meter atestado médico. Os serviços desorganizam-se, os esquemas sociais degradam-se e tornam-se incapazes de satisfazer as realidades nas suas dimensões autênticas e verdadeiras, a exigirem cobertura e resposta adequadas. Entretanto, de **baixa** ou com atestado médico vai-se trabalhar noutros locais sem o mínimo pudor.

Há em muitos sectores gente em situação de pluriemprego que importa denunciar. Os privilegiados, sejam eles quais forem, em todas as épocas e em todos os tempos, abespinnham-se se se lhes toca; mas, às vezes, arvorados em progressistas, gritam **slogans** ou escrevem artigos reivindicativos. Alguns, nas horas de serviço, jogam à defesa e pouco ou nada fazem, para se pouparem e poderem gastar as energias em ocupações privadas ou em outras actividades. Em boa hermenêutica tal procedimento lesa a justiça e pode considerar-se um roubo, se não no sentido jurídico pelo menos no seu significado comum.

As greves selvagens, sem sentido, a todos prejudicam e estão longe de constituir um direito, como muitos julgam. Os exemplos superabundam. A desordem no trabalho, a desorganização das estruturas sociais, o empobrecimento colectivo e a desordem são as suas con-

sequências, que não visam nunca o bem dos trabalhadores e os seus legítimos interesses. O que se tem observado nada tem a ver, na sua maioria, com o direito inalienável dos trabalhadores — quando esgotados todos os seus esforços de concertação — de recorrerem à paralisação do trabalho, para verem satisfeitos os seus anseios e interesses fundamentais. Muitos dos grevistas nem a razão de ser das greves sabem; mas se lhes falarem que é para aumento de regalias ou de salários, logo aderem às palavras de ordem, sem terem em conta a justiça do seu procedimento ou dos custos sociais em causa. Mais dinheiro, menos horas de trabalho e mais benesses é o que importa. Se o ordenado puder ser levado a casa, sem levantar uma palha, melhor!

Espantoso pelo ridículo que comporta é o recurso à greve para não pagarem horas extraordinárias. Primeiro, pela simples razão que, sendo estas habituais, justificariam o recurso à mão de obra disponível e, portanto, diminuição de desemprego, aliás com menos despesa; segundo, por ser público constituir, em alguns locais, uma maneira de ter proventos desmedidos, conforme, tantas vezes, a Imprensa nos dá conta e que ultrapassam os honorários comuns dos mais elevados escalões; em terceiro lugar, como todos sabemos, o recurso às horas extraordinárias representa, não raro, a consequência de pouco ou nada se fazer, por expediente, nos períodos normais de trabalho.

Que os parasitas do trabalho tenham os dias contados são também os nossos votos. Haverá assim maior justiça, menos desempregados e maior rentabilidade. Sem trabalho autêntico, sério e empenhado, não se poderá produzir riqueza e proceder a uma maior e mais equitativa distribuição desta. E, sendo assim, não haverá progresso nem bem-estar, sobretudo para os mais desfavorecidos, mormente do sector campesino-rural que se verá cada vez mais distanciados dos outros sectores, sem se poderem dar ao luxo de, até com sérias razões, fazerem greves de qualquer tipo ou de usarem os golpes e os estratagemas comuns dos privilegiados. Suceder-lhes-ia o que, salvo as devidas distâncias, se passaria em nossas Casas; pois, sem trabalho não subsistiríamos, porque **«quem não trabuca não manduca»** e nós vivemos essencialmente do que fazemos, cada um no seu lugar, para bem de todos e ao serviço das Comunidades.

A testa de uma Casa de Educação que deverá formar Homens, sob pena de trair o seu fim, sentimo-nos compelidos a incutir nos nossos Rapazes os Valores essenciais que devem ornar o carácter de cada ser humano: seriedade, sentido do dever, amor ao trabalho, etc. Denunciar os maus exemplos e os variados parasitismos que proliferam no mundo em que vivemos é uma obrigação, até porque se não o fizermos, estaremos não só a atear ao a nossa missão mas a comprometer o futuro daqueles que nos estão confiados.

● Uma nota final, em ordem ao Ministério da Educação.

Como se justifica a degradação das escolas e do seu material, inclusive carteiras, bancos e mesas? Ferros torcidos ou partidos, janelas e portas espantadas, objectos desaparecidos, para lá de outros vandalismos, são o pão-nosso-de-cada-dia. Todos os anos as coisas se repetem e, se não desconhecemos que tudo tem um limite de duração, como entender o que se passa? Se há tantas carências, outras se lhes vão juntar. Como reagem os Conselhos Directivos em relação aos prevaricadores e como são chamados à responsabilidade os pais ou encarregados de educação? O que temos visto com os nossos olhos é de bradar aos Céus!

Padre Horácio

Padre Luiz

Tribuna de Coimbra

Cont. da 1.ª página

das. São um desafio de verdade a tantas ideologias balofas apregoadas no mundo inteiro. Valeu a pena o autocarro parar muitas vezes.

A vida nas vilas e cidades é movimento. Construções em série. Construções sóbrias e belas. Domina a pedra. Tudo à cor da pedra. Não há cores berrantes. Cores da cor dos terrenos. A vida comercial domina. Os visitantes, sejam peregrinos ou turistas, enchem todos os lugares. Os vendedores não se cansam de chamar os visitantes. Há de tudo a vender e em toda a parte.

A vida pareceu-nos organizada e com responsabilidade. Caminhar sem encontrões;

sem filas de pessoas à espera. Os serviços públicos despachados e com ordem. Pessoas comprometidas na vida.

Regressámos à nossa terra — «jardim da Europa à beira-mar plantado»; jardim com as flores da vida muito murchas. Regressámos todos felizes e com muita vontade de lá voltar.



Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa